

## **A importância da história dos surdos para o avanço da educação**

### **Importance of deaf history in advancing education**

Maria Inez Souza Maia<sup>1</sup>

Universidade Federal do Tocantins

**Resumo:** O objetivo desse trabalho é apresentar um panorama sobre a educação de surdos, analisando o contexto histórico e social, desde a antiguidade até os dias atuais. A história dos surdos e de sua educação fortalece a ideia de que essa comunidade vivencia conquistas importantes, embora muitos desafios ainda sejam presentes. Conhecer sobre a diferença surda e os fatos da história dos surdos são alicerces para legitimar e prestigiar a pessoa surda enquanto diferença humana e assim, evitar as tragédias do passado. Os surdos são cidadãos e têm direito à educação, em língua de sinais. O acesso ao conhecimento possibilita aos surdos atingirem níveis educacionais, profissionais e sociais mais elevados, de forma a garantir direito à participação, independência e autonomia.

**Palavras-Chave:** Educação de Surdos; História; Língua de Sinais

**Abstract:** The objective of this paper is to present a panorama on the education of the deaf, analyzing the historical and social context from the ancient times to the present day. The history of the deaf and their education strengthens the idea that this community experiences important achievements, although many challenges persist. Knowing about the deaf difference and facts of the history of the deaf are fundamental to legitimize and give prestige to the deaf person as a human difference and thus avoid the tragedies of the past. The deaf are citizens and have the right to education in sign language. The access to knowledge enables the deaf to reach higher educational, professional and social levels, in order to guarantee the right to participation, independence and autonomy.

**Key-words:** Deaf Education; History; Sign Language

**Submetido em 30 de novembro de 2017**

**Aprovado em 7 de janeiro de 2018**

### **Introdução**

O objetivo desse trabalho é apresentar um panorama da educação de surdos, considerando aspectos históricos e sociais. Esta pesquisa surge diante de preocupações pessoais da autora, após vivenciar desafios na educação de pessoas surdas. Essas inquietações se originam enquanto educanda surda e também educadora de surdos.

Conhecer a educação de surdos, a partir de uma perspectiva histórica e social, possibilita refletir sobre as práticas educacionais na atualidade. Conhecer sobre a

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade Federal do Tocantins, no curso de Letras: Libras Licenciatura. Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Letras na mesma Universidade, no Campus de Porto Nacional. Email: [mm.inez@mail.uft.edu.br](mailto:mm.inez@mail.uft.edu.br)

diferença surda e os fatos da história dos surdos são alicerces para legitimar e prestigiar a pessoa surda enquanto diferença humana e assim, evitar as tragédias do passado.

Para isso, fizemos uma revisão bibliográfica e levantamos alguns marcos na história sobre a educação de surdos, da antiguidade até os dias atuais. Na oportunidade, apresentamos algumas considerações sobre legislação, ensino e formação profissional, envolvendo a comunidade surda brasileira. Acredito que discorrer sobre esses aspectos pode favorecer a divulgação da diferença surda e da história dos surdos.

### **1. Breve histórico dos surdos**

A história dos surdos é marcada por tragédias. Na antiguidade, algumas sociedades destinavam tratamento desumano aos surdos. Os surdos eram mortos por motivos diversos. Assim como qualquer outra diferença humana, os surdos não tinham direito à vida.

Na idade média, apesar de terem direito à vida, os surdos não eram considerados seres humanos. Argumentava-se que eles não comunicavam como as demais pessoas. Por isso, não tinha valor perante o mundo. Os surdos, então, eram colocados fora do meio social. Até a Igreja Católica Romana defendia uma teoria de que os surdos não tinham alma (MORAIS, 2010).

A idade moderna é o período do cientificismo, em que surgem propostas de cura para a surdez. Esse período é marcado pela busca do corpo perfeito. Os surdos eram vistos como defeituosos. E na atualidade, vemos conquistas legais que legitimam a pessoa surda a partir da perspectiva da diferença. Língua, cultura e identidades surdas passam a ser respeitados.

A história da educação de surdos é reflexo da concepção de como a sociedade enxergava a pessoa surda. A evolução desse olhar coincide com a evolução das políticas educacionais para surdos no Brasil e no mundo. Desse modo, a trajetória da educação de surdos se fortalece. Barreiras são quebradas e novos paradigmas surgem. Considerando a educação um importante meio de socialização e de acesso a outros direitos, vejamos, a seguir, alguns marcos da história da educação de surdos.

De acordo com Silva (2009), um primeiro argumento para educar surdos foi sustentado na idéia de que os surdos tinham capacidade intelectual e eram aptos para o aprendizado. Para isso, foi feita uma investigação com pessoas surdas. O idealizador dessa pesquisa foi Girolamo Cardano (1501-1576). Sua intenção era boa. Ele queria

descobri se havia diferença entre surdos e ouvintes diante da aprendizagem. Sua pesquisa foi considerada de cunho importantíssimo à época.

Cardano, para avaliar o grau de aprendizagem dos surdos, fez sua investigação a partir dos que haviam nascido surdos, dos que adquiriram a surdez antes de aprender a falar, finalmente, dos que adquiriram depois de aprender a falar e a escrever. Sua conclusão, após esses estudos, era a de que a surdez não trazia prejuízos para o desenvolvimento da inteligência e que a educação dessas pessoas poderia ser feita pelo ensino da leitura, que era a forma dos surdos ouvirem, e da escrita, que era a forma deles falarem (SOARES, 1999 *apud* SILVA, 2006, p.17).

A pesquisa Cardano (1501-1576) trouxe uma nova perspectiva e uma esperança a familiares que enfrentavam a triste realidade de não poderem educar e amparar seus parentes. Foi um passo inicial para os surdos em direção ao conhecimento e à educação (SILVA, 2006).

Infelizmente, os primeiros a terem acesso à educação foram os filhos de nobres e ricos, pessoas bem financeiramente. Outro desafio com a educação de surdos se relaciona com a falta de material e técnicas de ensino. Isso ocorreu devido a educação de surdos ainda ser pioneira.

O monge espanhol Pedro Ponce de Leon é considerado um dos primeiros educadores de surdos. Ele desenvolveu um dos primeiros alfabetos manuais para trabalhar com seus alunos. Sendo assim, Ponce de Leon teve que inventar técnicas e parâmetros para ensinar. Ele inventava sua própria metodologia. Entretanto, esses conhecimentos não eram difundidos. Mais um desafio para a educação de surdos à época.

Era frequente na época manter em segredo o modo como se conduzia a educação dos surdos. Cada pedagogo trabalhava autonomamente e não era comum a troca de experiências. Um importante pedagogo alemão, professor de surdos, escreveu que seu método de educação não era conhecido por ninguém, exceto por seu filho. Alegava ter passado por tantas dificuldades que não pretendia dividir suas conquistas com ninguém (LACERDA, 2011, p. 2).

Em relação à iniciativa institucional, a França foi o primeiro país a criar uma escola de surdos, com uma metodologia de ensino voltada para esse público em específico. Isso aconteceu em 1760, devido o grande número de surdos que viviam nas ruas (considerados vagabundos).

São justamente os surdos vagabundos que viviam nas ruas de Paris que, junto com um ouvinte, o abade L'Épée, viabilizaram uma mudança drástica, porém, positiva, na história da educação dos surdos. Esse agrupamento de surdos permitiu a criação da primeira Escola de Surdos em Paris, em 1760, provavelmente movido pelos fortes ventos que assolavam a sociedade francesa (SILVA, 2006, p.19).

Importante ressaltar que as escolas para surdos não se limitaram a Paris. Outras regiões e países receberam escolas e fizeram intercâmbios com professores surdos franceses. Assim, a educação de surdos foi se desenvolvendo com o passar dos anos e chegou a outros lugares. O Brasil fez parte dos países que contaram com a colaboração de profissionais franceses na implementação de políticas educacionais para surdos.

Ao falar do processo da educação de surdos em nosso país, é preciso arremeter aos fatores que a originaram. A França foi essa ponte de ligação. Conforme foi visto, esse país saiu na frente organizando escolas para surdos. A primeira escola para surdos no Brasil surgiu no período do Império e contou com a atuação do professor surdo francês Ernest Huet<sup>2</sup>.

A história da fundação do Imperial Instituto dos Surdos Mudos do Rio de Janeiro começou na Europa, mais precisamente no Instituto Nacional de Paris, pois de lá veio seu fundador. O professor surdo Ernest Huet lecionava neste Instituto e já havia dirigido o Instituto de Surdos-Mudos de Bourges, quando intencionou estabelecer no Brasil uma escola voltada para o ensino de surdos. O início dos contatos para a criação desta escola ocorreu através de uma carta de apresentação do Ministro da Instrução Pública da França entregue junto ao Governo do Brasil, ao Ministro da França, Saint Georg (PINTO, 2007, p.1).

A criação do Imperial Instituto dos Surdos Mudos, em 1856, estava associada ao projeto saquarema de implementação da instrução pública na Corte. Em relatórios sobre a situação e trabalho no Instituto, há passagens em que os surdos deveriam ser ensinados para trabalhos manuais de forma a serem aproveitados numa atividade produtiva (PINTO, 2007, p. 1).

Essa escola é da época do período Imperial e está ativa até os dias de hoje. É pioneira no ensino de pessoas surdas no Brasil. Atualmente é intitulada Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

## **2. A educação de surdos na atualidade**

Muitas coisas mudaram. Desde as primeiras escolas europeias para surdos, passando pelo Brasil Império (fundação do INES), o que se pode dizer em relação à educação dos surdos na atualidade? Muitas coisas poderiam ser ditas, mas nesta seção

---

<sup>2</sup> Na literatura, é possível encontrar a grafia Hernest Huet.

apresento algumas leis que sustentam a educação de surdos e faço algumas considerações sobre os profissionais que trabalham com surdos.

Um país, uma sociedade e um povo não vivem sem leis. Por meio delas, os deveres e os direitos do cidadão ficam normatizados. E para cada situação, existe um padrão a ser seguido ou cumprindo, mediante aquilo que é apresentado pelas leis.

O homem é um ser eminentemente social. Não vive isolado, mas em grupos. A convivência impõe uma certa ordem, determinada por regras de conduta. Essa ordenação pressupõe a existência de restrições que limitam a atividade dos indivíduos componentes dos diversos grupos sociais. O fim do direito é precisamente determinar regras que permitam aos homens a vida em sociedade (GONÇALVES, 2012, p. 20).

A legislação brasileira sobre a educação abrange a todos, sejam surdos ou ouvintes. A escola é um ambiente social onde o desenvolvimento do indivíduo e o acesso ao conhecimento devem acontecer. Nesse sentido, a escola enquanto instituição social tem desafios ao acolher as diferenças, pessoas de classes sociais variadas, indivíduos de várias raças, religiões e com especificidades diferentes. Os surdos vivem a partir da diferença surda e também possuem suas especificidades, como qualquer outra diferença humana. E por isso, a escola, os educadores e educandos precisam de diretrizes. A Constituição Federal é clara em relação ao direito à educação.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988).

A Constituição garante direitos a todos. Isso assegura aos surdos direito à educação e formação adequadas. Dessa forma, as escolas devem estar preparadas. O ambiente das escolas deve atender as diferenças e especificidades. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação do Brasil (LDB) também garante isso.

De acordo com Souza (1995), a inclusão é o processo pelo qual a lei assegura o direito para aqueles que são excluídos. Os surdos fazem parte dessas estatísticas e são beneficiados pela legislação vigente que garante a inclusão. O Estado Federativo, por meio da Constituição e leis que tratam da educação, assegura esse direito. Esse direito é reforçado pela LDB.

Ao passar dos anos, os surdos brasileiros vem acumulando conquistas que garantem um ensino organizado na perspectiva surda. Atualmente, a legislação

brasileira garante uma educação bilíngue para surdos, em libras. Alguns exemplos são o decreto 5625/05, a lei 13005/04 (Plano Nacional de Educação) e lei 13146/15 (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

### **3. Escolas para Surdos**

Até aproximadamente a década de 1980, os estudantes surdos ainda receberam reflexo da sombra do Congresso de Milão (1880). Na época, foi definido pela maioria dos participantes do Congresso, que os surdos deviam ter educação pelo método oral. Assim, “a partir do Congresso de Milão, o oralismo foi eleito e imposto como método mais adequado para a educação de surdos, pela possibilidade de integração do indivíduo na sociedade” (MACHADO, 2008, p. 56).

Hoje os tempos são outros. Por muitos anos os surdos eram obrigados a aderirem à cultura e à língua dos ouvintes. Atualmente, as escolas e profissionais que trabalham com surdos não mais obrigam e nem ensinam os surdos de forma oralizada. Se isso ainda acontece, são casos isolados e em contextos específicos.

Em algumas cidades e localidades há um déficit de profissionais e escolas específicas para surdos. Mesmo assim, o Brasil dispõe de parâmetros para uma educação eficaz aos indivíduos surdos. O mais importante deles é o bilinguismo em que os surdos devem aprender em sua própria língua, na língua brasileira de sinais (libras), tendo o português como segunda língua. “O conceito mais importante que a filosofia bilíngue traz é de que os surdos formam uma comunidade, com cultura e língua própria” (GOLDFELD, 2002, p. 41).

De acordo com Skliar (1997), os surdos criaram, desenvolveram e transmitiram de geração em geração uma língua, a língua de sinais, cuja modalidade de recepção e produção é viso-gestual. A grande questão é respeitar os surdos não só pelo direito à educação bilíngue, assegurado por lei, mas reconhecer que essa língua constitui e forma o indivíduo. E por meio de sua comunidade de fala, a libras se estabelece. “É uma língua, como qualquer outra língua materna, adquirida efetiva e essencialmente no contato com seus falantes” (SALLES, 2004, p. 46).

O bilinguismo é uma proposta de organização de ensino circunstancial de aprendizado e desenvolvimento das pessoas surdas e deve ser levado em consideração. Deve haver uma postura das entidades públicas e privadas, para não deixar essa proposta educacional somente no papel. Nessa proposta, a língua de sinais é a língua de

instrução. Ou seja, a língua dos surdos é o primeiro meio de comunicação e a língua dos ouvintes, a língua oral, o segundo meio de comunicação. Um exemplo de escola bilíngue para surdos, no Brasil, é o Centro de Educação para Surdos de Rio Branco.

O Centro de Educação para Surdos de Rio Branco oferece uma educação pautada na filosofia bilíngue e multicultural que compreende a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), como a língua primeira ou língua materna, e, a Língua Portuguesa, em sua modalidade escrita, como segunda língua. Esta concepção é essencial para a potencialização das capacidades e habilidades do educando, bem como, na promoção da interação dos alunos com o mundo que os cerca e na valorização e respeito à diversidade sociocultural e linguística (CES, 2014, p. 1).

Os profissionais da educação sempre tiveram um papel importante no desenvolvimento de pessoas surdas, em especial na vida das crianças. No contexto da educação infantil, por exemplo, o intérprete de libras tem sido um profissional primordial principalmente em municípios menores, em espaços em que a implementação de uma proposta bilíngue ainda é desafiador.

O intérprete tem ações e atividades variadas. Ele é um assessor em duplicidade pois transita na língua/ cultura dos surdos e na língua/ cultura dos ouvintes.

O existir do intérprete de língua de sinais está para o mundo de algumas maneiras, porém de situarmos duas que nos chama atenção. A primeira enquanto profissional que se apresenta como a pessoa fluente em línguas de sinais e fluente em língua portuguesa emerge no mundo dos ouvintes para dar atenção a pessoa surda nos diversos ambientes. Ele aparece nas escolas onde as crianças surdas fazem-se presentes. Ele aparece em espaços acadêmicos, onde jovens surdos fazem-se presentes. Na segunda situação ele se evidencia de uma chama mista e inebriante de curiosidade e compaixão surgem nas igrejas, templos, culto. (QUADROS, 2009, p. 339 *apud* GIANOTO, 2016).

Os professores de forma geral, devem dominar a língua de sinais, para que possam, de forma eficaz, ter uma interação direta com os surdos. As instituições de ensino devem promover a difusão da libras de forma que haja uso cada vez mais constante dessa língua, também brasileira.

Uma das maiores conquistas, na atualidade, é a existência de professores surdos com graduação e com pós-graduação. Certamente inicia-se uma nova fase na educação de surdos no Brasil

#### **4. Professores Surdos**

A trajetória de muitas lutas trouxe resultados positivos. Graças aos esforços e a persistência de membros da comunidade surda, o povo surdo acessa espaços antes inimagináveis. A possibilidade de formação é real. Um exemplo disso é o professor surdo Deonísio Schmitt, doutor em linguística<sup>3</sup>, o primeiro doutor surdo nesta área de formação no Brasil.

As mudanças que acontecem na educação são fundamentais, de forma a potencializar as capacidades dos surdos e das diferenças humanas. Família e sociedade são importantes neste processo. Todos formam uma corrente de apoio para com aqueles que tanto lutaram e ainda lutam a favor de uma educação na perspectiva da diferença. Os avanços são visíveis. Hoje podemos falar em acesso, permanência e participação de surdos em diferentes áreas. E devido a isso, os surdos têm possibilidade de formação em diferentes áreas do conhecimento, inclusive na carreira docente.

A legislação brasileira estabelece que o professor de libras deve ser graduado em letras libras e garante prioridade a surdos nestes cursos de formação. Mas antes, para que haja formação de professores surdos, ou profissionais de outras áreas, é necessário um acesso à vida escolar. Esse acesso não é só no sentido físico, mas no aprendizado, para que haja a permanência desses sujeitos. Para que haja permanência, a participação deve ser promovida. Com isso, é possível que os surdos alcancem níveis mais alto de formação. Nem sempre isso é garantido. O acesso, permanência e participação são garantidos somente quando o ensino é organizado a partir da diferença surda.

Há vários cursos superiores para formação de professores de libras. O curso de Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) foi o pioneiro no Brasil.

Em 2006, foi iniciado o primeiro curso de Letras Língua de Sinais Brasileira – LIBRAS – no Brasil. A Universidade Federal de Santa Catarina está oferecendo o curso para formar professores de língua de sinais. Esta iniciativa atende a exigências legais que requerem a inclusão de LIBRAS nos currículos dos cursos de licenciatura e de fonoaudiologia em todas as universidades do país. O programa selecionou 500 estudantes, sendo que 447 são surdos e 53 são ouvintes bilíngues. Esses estudantes estão espalhados em nove estados brasileiros: Amazonas, Ceará, Bahia, Distrito Federal, Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, representando cinco regiões do país. O sistema de educação utiliza a modalidade a distância, em que a LIBRAS é a língua de instrução com diferentes materiais:

---

<sup>3</sup>Notícia disponível em <<http://www.santacatarina24horas.com/index.php/capa/editorias/acontece/14908-primeiro-deficiente-auditivo-com-titulo-de-doutor-em-linguistica-no-brasil>>. Acessado em:

De acordo com o informe, Deonísio Schmitt é o primeiro surdo doutor em Linguística do Brasil, formado pela UFSC em 2013. Lembramos que a primeira surda doutora do Brasil é Gladis Perlin, doutora em Educação pela UFRGS, em 2003.

ambiente virtual de ensino e DVDs. Além disso, os alunos têm acesso a diferentes tipos de textos na LIBRAS. Toda a estrutura está sendo pensada juntamente com profissionais surdos que são designers instrucionais e demais profissionais. O objetivo é implementar um curso “surdo”, no sentido de atender ao público alvo do curso, ou seja, organizado a partir das experiências visuais e na língua de sinais. Neste artigo, nós apresentaremos como este curso está sendo implementado (QUADROS; STUMPF, 2009, p. 2).

No início, esses polos foram fundamentais para a formação de muitos profissionais surdos. Muitos instrutores surdos que já atuavam no ensino de libras foram formados e laçados no mercado, agora com formação superior.

A oferta do curso de Letras Libras, fundado pela UFSC, foi tão valoroso em âmbito nacional que serve de referência para outras universidades. Hoje, podemos dizer que os surdos contam com formação específica no Brasil. Mas comparado com a proporção de pessoas surdas no país, que necessitam de professores surdos, ainda é pouco. Ainda assim, reconhecemos o avanço. Sinal de que a comunidade surda ainda vai desfrutar de muitas vitórias.

### **Considerações Finais**

A proposta deste artigo foi trazer algumas considerações sobre a história dos surdos e da educação de surdos. Nós, surdos, conquistamos muito. Mas a educação destinada a nós ainda precisa avançar.

A comunidade surda tem características próprias, que foram construídas em torno de marcos históricos importantes. Isso decorre de um processo árduo e longo. Para que avancemos na educação de surdos, devemos considerar a história dos surdos. Nós, surdos, precisamos ter ciência das transformações que vivenciamos ao longo dos séculos. Em se tratando de transformações, a maior delas foi a sociedade nos reconhecer enquanto diferença humana. Assim, ganhamos força.

A educação de surdos, em língua de sinais, deve ser baseada na diferença surda, de forma a promover autonomia e independência dos surdos, a construírem um melhor presente, na perspectiva de uma vida cada vez melhor no futuro, em todos os setores da vida.

Hoje, nós surdos contamos com uma vasta legislação que nos ampara. Para avançarmos na educação de surdos, devemos preservar a história de lutas e vitórias. Cientes da nossa história, conseguiremos manter o que deu certo e evitar práticas que fracassaram. Todos temos a responsabilidade de mudar essa realidade olhando para o

passado, usando os frutos gerados no presente e plantando uma educação eficaz para o futuro. Não podemos deixar para amanhã. Essa mudança deve ser feita hoje.

## Referências

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Capítulo III: da Educação da Cultura e do Desporto*, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2014.

CENTRO DE EDUCAÇÃO PARA SURDOS RIO BRANCO. *Quem somos*. Disponível em: <<http://www.ecs.org.br/site/quem-somos.aspx>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2014.

GOLDFELD, Márcia, *A criança surda linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista*. São Paulo: Editora Plexus, 2002.

GONÇALVES, Carlos Roberto. *Direito civil brasileiro. Volume 1*. 10ª edição. São Paulo: Saraiva, 2012.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. *Cad. CEDES*. Vol.19, n.46, p. 68-80, 1998.

MACHADO, Paulo César. Integração/ inclusão na escola regular: um olhar do egresso surdo. In: QUADROS, Ronice Muller. *Estudos Surdos I: Série de Pesquisas*. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2006, p. 38-75.

MORAIS, Amilcar. *História da Educação dos Surdos I. 2010. Atividade 4*. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/micaze1976/hes-i-atividades-4>>. Acesso: 08 de setembro de 2014.

PINTO, Fernanda Bouth. *A História da educação dos surdos no Brasil Oitocentistas*. Disponível em: <<http://www.cultura-sorda.eu/resources/Bouth%20vendo%20vozes.pdf>>. Acesso em: 19 de agosto de 2014.

QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi. O primeiro curso de graduação em Letras Língua Brasileira de Sinais: Educação à distância. *Educação Temática Digital*. Campinas, v.10, n.2, p.169-185, jun., 2009.

SALLES, Maria Moreira Lima Salles; et al. *Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*. Brasília : MEC, SEESP, 2004.

SKLIAR, Carlos. *Bilingüismo e biculturalismo Uma análise sobre as narrativas tradicionais na educação dos surdos*. XX Reunião Anual da Anped, Caxambu, setembro, 1997.

SOUZA, Regina Maria de. Educação especial, psicologia do surdo e bilinguismo: bases históricas e perspectivas atuais. *Temas em psicologia*. Vol.3, n. 2, ago., 1995.

SILVA, Vilmar. Educação de Surdos: uma releitura da primeira escola pública para surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. In: QUADROS, Ronice Muller. *Estudos Surdos I: Série de Pesquisas*. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2006, p. 14-37.